

**DA PERDA DE DINAMISMO À RETRAÇÃO:
O DESEMPENHO INDUSTRIAL POR
INTENSIDADE TECNOLÓGICA**

DEZEMBRO/2017

CONSELHO DO IEDI

Conselheiro	Empresa
Agnaldo Gomes Ramos Filho	Eldorado Brasil Celulose S.A.
Alberto Borges de Souza	Caramuru Alimentos S.A.
Amarílio Proença de Macêdo	J.Macêdo Alimentos S.A.
Carlos Eduardo Sanchez	EMS - Indústria Farmacêutica Ltda
Carlos Mariani Bittencourt	PIN Petroquímica S.A.
Cláudio Bardella	Bardella S.A. Indústrias Mecânicas
Claudio Gerdau Johannpeter	Gerdau Aços Longos S.A.
Cleiton de Castro Marques	Biolab Sanus Farmacêutica Ltda
Dan Ioschpe <i>Vice-Presidente</i>	Ioschpe-Maxion S.A.
Daniel Feffer	Grupo Suzano S.A.
Décio da Silva	WEG S.A.
Erasmus Carlos Battistella	BSBio Ind. E Com. de Biodiesel Sul Brasil S.A.
Eugênio Emílio Staub	Conselheiro Emérito
Fabio Hering	Companhia Hering S.A.
Fábio Schvartsman	Vale S.A.
Fernando Musa	Braskem S.A.
Flávio Gurgel Rocha	Confecções Guararapes S.A.
Geraldo Luciano Mattos Júnior	M. Dias Branco S.A
Hélio Bruck Rotenberg	Positivo Informática S.A..
Henri Armand Slezzynger	Unigel S.A
Horacio Lafer Piva	Klabin S.A.
Ivo Rosset	Rosset & Cia. Ltda.
Ivoncy Brochmann Ioschpe	Conselheiro Emérito
João Guilherme Sabino Ometto	Grupo São Martinho S.A.

CONSELHO DO IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
José Roberto Ermírio de Moraes	Votorantim Participações S.A.
Josué Christiano Gomes da Silva	Cia. de Tecidos Norte de Minas-Coteminas
Lírio Albino Parisotto	Videolar S.A.
Lucas Santos Rodas	Companhia Nitro Química Brasileira S.A.
Luiz Alberto Garcia	Algar S.A. Empreendimentos e Participações
Luiz Cassiano Rando Rosolen	Indústrias Romi S/A
Luiz de Mendonça	Odebrecht Agroindustrial S.A.
Marco Stefanini	Stefanini S.A.
Marcos Paletta Camara	Paranapanema S.A.
Ogari de Castro Pacheco	Cristália Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda.
Olavo Monteiro de Carvalho	Monteiro Aranha S.A.
Paulo Cesar de Souza e Silva	Embraer S.A.
Paulo Diederichsen Villares	Membro Colaborador
Paulo Francini	Membro Colaborador
Paulo Guilherme Aguiar Cunha	Conselheiro Emérito
Pedro Luiz Barreiros Passos	Natura Cosméticos S.A.
Pedro Wongtschowski <i>Presidente</i>	Ultrapar Participações S.A.
Ricardo Steinbruch <i>Vice-Presidente</i>	Vicunha Têxtil S.A.
Roberto Caiuby Vidigal	Membro Colaborador
Rodolfo Villela Marino <i>Vice-Presidente</i>	Itaúsa - Investimentos Itaú S.A.
Rubens Ometto Silveira Mello	Cosan S.A. Ind e Com
Salo Davi Seibel	Duratex S.A.
Sérgio Leite de Andrade	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS
Victório Carlos De Marchi	Cia. de Bebidas das Américas - AmBev

**DA PERDA DE DINAMISMO À RETRAÇÃO:
O DESEMPENHO INDUSTRIAL POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA**

Introdução	1
Uma visão geral da indústria de transformação	3
A indústria de transformação por intensidade tecnológica.....	5
Alta intensidade tecnológica	8
Média-alta intensidade tecnológica.....	11
Média-baixa intensidade tecnológica	14
Baixa intensidade tecnológica.....	17

DA PERDA DE DINAMISMO À RETRAÇÃO: O DESEMPENHO INDUSTRIAL POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA

Introdução

Não há dúvidas de que o terceiro trimestre de 2018 pouco ajudou a recuperação do setor industrial. Tanto os dados do PIB como os dados da produção física mostram uma patente desaceleração industrial ao longo dos três primeiros trimestres do ano. A contar pelo pífio resultado da produção em outubro, divulgado esta semana, esta trajetória cadente ainda não dá sinais de reversão.

A alta de 5,7% do PIB da indústria de transformação refluíu para apenas 1,6% no 4º trim/17 para o 3º trim/18. Já a produção física da indústria geral saiu de 5,9% para 1,2% no mesmo período e chegou a 1,1% em outubro. Face a esta perda de ímpeto, não causa surpresa que a retomada do emprego industrial, que havia registrado avanço de 4,6% no último quarto de 2017, regrediu para mera estabilidade em jul-set/18 ante mesmo período do ano anterior.

Neste Estudo IEDI, analisaremos como se comportaram neste processo de esmorecimento, até o terceiro trimestre de 2018, os diferentes ramos da indústria de transformação agrupados segundo seu nível de intensidade tecnológica, conforme a metodologia desenvolvida pela OCDE. Ao todo, o setor é dividido em quatro faixas: alta, média-alta, média-baixa e baixa intensidade tecnológica.

O movimento de desaceleração foi bastante generalizado, em maior ou menor intensidade, atingindo as quatro faixas identificadas. As principais contribuições negativas tiveram origem nos extremos, isto é, nos grupos de alta e de baixa intensidade, como resumido logo abaixo, enquanto na indústria de média-baixa intensidade tecnológica a desaceleração foi muito marginal.

A indústria de alta tecnologia, que havia registrado crescimento satisfatório na virada de 2017 (+8,4% no 4º trim.) para 2018 (+12,2% no 1º trim.), ficou virtualmente estagnada no terceiro trimestre deste ano, variando mero 0,2%. Este resultado foi produzido por quase todos os seus ramos. Apenas a indústria farmacêutica conseguiu avançar em jul-set/18 (+9,5%).

Material de escritório e informática, em contrapartida, recuou 1%, interrompendo uma sucessão de taxas de crescimento acima de 20% nos quatro trimestres anteriores. Já o ramo de equipamentos de rádio, TV e comunicação foi quem mais caiu em jul-set/18: -11,3%. Apesar destes recentes resultados pouco animadores, graças ao desempenho do começo do

ano, a faixa de alta tecnologia acumula crescimento de 4,6% em jan-set/18, bastante acima da alta de 2,8% de 2017 como um todo.

Já a perda de ritmo da indústria de baixa intensidade tecnológica foi mais grave, pois a jogou de volta ao terreno negativo. Sua produção declinou -2,4% no 2º trim./18 e -3,8% agora no 3º trim./18 frente ao mesmo período do ano anterior. Por trás disso estão alimentos e bebidas (-2,5% e -6,8%, respectivamente) e têxteis, couro e calçados (-5% e -2,8%), isto é, ramos que são mais estreitamente relacionados ao emprego, que ainda tem muito a melhorar, e ao poder de compra da população, que em 2018 não vem recebendo a mesma ajuda da desaceleração inflacionária vista em 2017.

O quadro da baixa tecnologia só não é ainda mais grave porque conta com ramos tradicionalmente exportadores que continuam assegurando certo dinamismo positivo, como é o caso de madeira, papel e celulose, em alta desde a segunda metade do ano passado. Agora no 3º trim./18 registrou crescimento de +4,3%. Apesar disso, o quadro da baixa tecnologia no acumulado de jan-set/18 já é negativo novamente: -1,6%, o que contrasta com a alta de 2% em 2017.

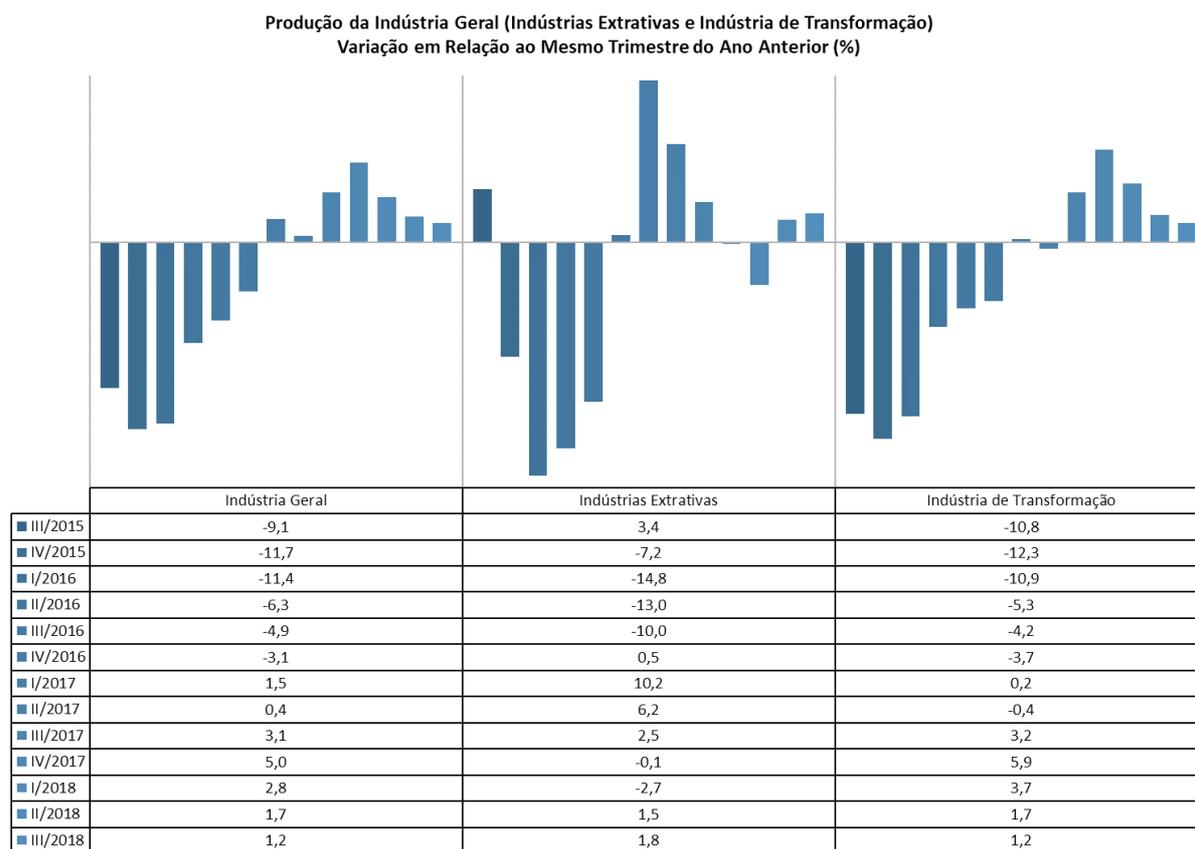
Os grupos intermediários quanto à intensidade tecnológica são aqueles que vêm apresentando resultados mais consistentes. Coube à média-alta tecnologia o melhor resultado do 3º trim./18, com +7,1%, mas nem por isso deixou de registrar alguma desaceleração em relação ao final do ano passado, quando chegou a crescer 11,6% em out-dez.

A desaceleração da média-alta veio principalmente do ramo automobilístico, que ainda cresce bem, mas a metade do que crescia no último quarto de 2017: +13,4% em jul-set/18 contra +24,2% em out-dez/17. Ainda assim, 2018 caminha para ser um ano melhor (+7,2% para jan-set) do que 2017 (+5,8% para jan-dez).

Por fim, o grupo de média-baixa intensidade tecnológica por pouco não foge à regra geral, pois não deu grandes sinais de perda de dinamismo. Embora o primeiro trimestre de 2018 tenha sido desfavorável (-0,1%), sua produção voltou a crescer 3,2% no 3º trim./18, um ritmo não muito distante daquele do 4º trim./17 (+3,8%) ou do 2º trim./18 (+3,6%). Em jul-set/18 todos os seus componentes registraram variações positivas, notadamente produtos metálicos (+4,9%) e petróleo e combustíveis (+3,6%). Esta, que foi a única faixa a perder produção no ano passado (-0,9% jan-dez), agora cresce 2,3% no acumulado de 2018 até o mês de setembro.

Uma visão geral da indústria de transformação

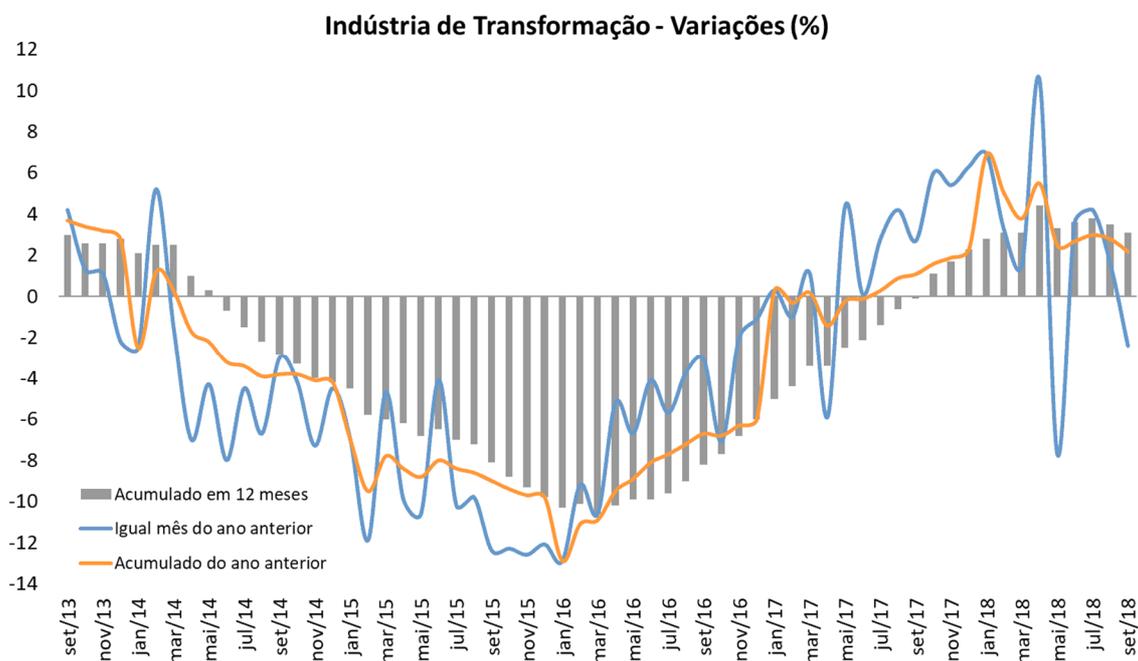
A produção física da indústria de transformação retrocedeu 1,4% em setembro de 2018 frente a agosto, pela série dessazonalizada, conformando três meses consecutivos de queda por essa base comparativa. Assim, o ano de 2018 registra seis meses de sinal negativo – além daqueles, janeiro, fevereiro e maio. Frente a setembro de 2017, a produção declinou 2,4%. Em que pese tanto, o terceiro trimestre do ano ainda logrou incremento de 1,2% frente ao mesmo período de 2017. No acumulado até setembro, a indústria de transformação cresceu 2,2% em relação a igual acumulado de 2017, mas com perda de ímpeto ao longo do ano. Nos doze meses encerrados em setembro, cresceu 3,1%.



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatbase.

No caso da indústria geral (ramo extrativo mineral mais o de transformação), pelos dados dessazonalizados, a redução foi ainda mais forte, de 1,8% na passagem de agosto para setembro, também consubstanciando três meses de recuo, totalizando 2,7% de retração. Na comparação entre meses de setembro de 2017 e de 2018, sua produção física diminuiu 2,0%,

mas, ainda assim, houve expansão pelo contraponto entre terceiros trimestres de 2018 e 2017, de 1,2%. Nessas duas últimas bases comparativas, a extração mineral cresceu 0,2% e 1,8%, respectivamente. No acumulado do ano, a indústria geral cresceu 1,9%, e, em doze meses, 2,7%. Vale notar que a maior variação em doze meses frente à comparação entre acumulados de 2018 e de 2017, seja para a indústria geral, seja para a de transformação vem refletindo um menor dinamismo no decorrer do ano, arrefecimento já percebido no fechamento do segundo trimestre.



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatabase.

A indústria de transformação por intensidade tecnológica

A produção física da indústria de transformação pode ser abordada com mais detalhe mediante sua divisão em quatro segmentos de intensidade tecnológica, em conformidade com a OCDE: alta intensidade, media-alta, média-baixa e baixa intensidade.

Ressalte-se que desde os mais recentes aprimoramentos metodológicos da PIM-PF, está se tratando a indústria de transformação sem a atividade de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos. Tal ramo passou a ser discriminado em versão mais recente da Classificação Industrial Internacional Uniforme (CIIU) e, por conseguinte, na versão 2 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Na sequência, estão os resultados selecionados para as faixas de intensidade tecnológica, com dados sujeitos à revisão.

Indicadores Conjunturais da Indústria Geral e da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica em setembro de 2018

Segmentos	Variação %			
	Igual Mês do Ano Anterior	Igual Trimestre do Ano Anterior	Igual Acumulado do Ano Anterior	Acumulado em 12 meses
Indústria Geral	-2,0	1,2	1,9	2,7
Indústria Extrativa	0,2	1,8	0,3	0,2
Indústria de Transformação	-2,4	1,2	2,2	3,1
equipamentos	-6,0	-1,0	0,7	2,1
M&E	-2,3	1,2	2,1	3,0
Alta	6,5	0,2	4,6	5,5
Farmacêutica	22,9	9,5	4,5	4,2
Material de escritório e informática	-0,2	-1,0	14,9	17,8
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	-10,8	-11,3	8,1	10,4
Instrumentos médicos, de ótica e precisão	-7,5	-4,7	-4,7	-1,4
<i>Memo: complexo eletrônico</i>	-8,3	-8,5	8,0	10,5
Média-Alta	1,2	7,1	7,2	8,2
Máquinas e equipamentos elétricos n. e.	-1,5	0,6	-0,8	0,8
Veículos automotores, reboques e semi-reboques	3,9	13,4	16,5	18,2
Produtos químicos, excl. farmacêuticos	1,3	2,5	0,6	1,8
Máquinas e equipamentos mecânicos n. e.	-3,6	4,8	4,5	4,3
Média-Baixa	0,0	3,2	2,3	2,7
Borracha e produtos plásticos	-1,0	1,8	2,4	4,1
Produtos de petróleo refinado e outros combustíveis	-4,6	3,6	1,9	1,4
Outros produtos minerais não-metálicos	1,3	1,1	-0,3	0,2
Produtos metálicos	7,3	4,9	4,3	5,2
Baixa	-7,0	-3,8	-1,6	-0,4
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	1,8	0,9	-1,3	-0,6
Madeira e seus produtos, papel e celulose	2,7	4,3	4,0	4,6
Alimentos, bebidas e tabaco	-11,7	-6,8	-3,1	-1,6
Têxteis, couro e calçados	-3,3	-2,8	-3,3	-2,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria (resultados preliminares, sujeitos à alteração).

Notas: A faixa de alta intensidade computa também a indústria aeronáutica; a faixa de média-alta computa também a fabricação de equipamentos ferroviários e de outros de transporte; a faixa de média-baixa computa também a construção naval.

Ao se confrontar o terceiro trimestre de 2018 com o mesmo período de 2017, as faixas de alta, média-alta e de média-baixa intensidade lograram expansão, com o mês de setembro

contribuindo para tanto nas duas primeiras. No trimestre, os segmentos de alta e de baixa intensidade cresceram 0,2% e 7,1%, respectivamente, enquanto o de média-baixa, 3,2%. Já o de baixa intensidade registrou queda de 3,8%, com setembro concorrendo para tanto. Seja no acumulado do ano, seja em doze meses, apenas a faixa de baixa intensidade se retraiu, com as demais logrando taxas positivas.

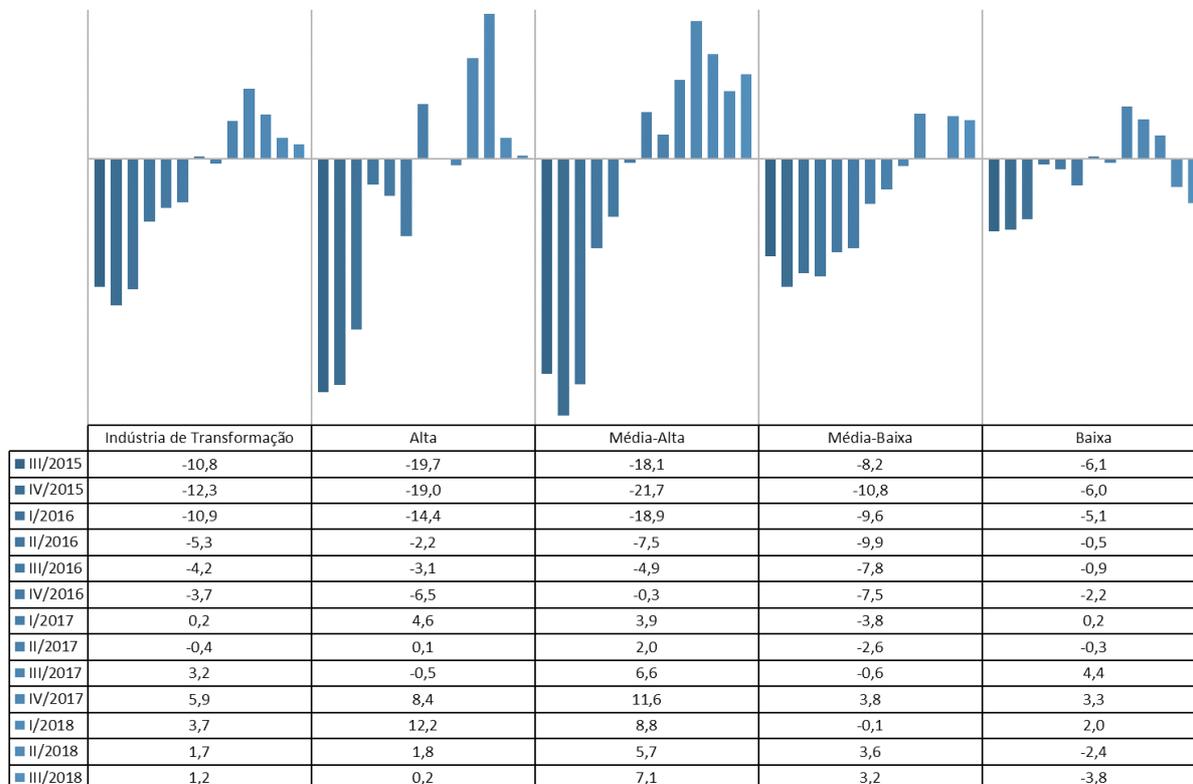
Como visto, a faixa de alta intensidade ficou praticamente estável no terceiro quarto de 2018. O resultado de setembro foi crucial para essa taxa positiva, com 6,5% de incremento. No acumulado do ano, o incremento foi de 4,6% e, em doze meses, de 5,5%. Ou seja, o trimestre em comento arrefeceu o dinamismo do segmento. A indústria farmacêutica também puxou para cima os resultados de setembro e do terceiro trimestre. Já o complexo eletrônico como um todo atuou em sentido contrário nessas duas bases de comparação, mas mantendo performances positivas no acumulado do ano e em doze meses.

Quanto ao crescimento no terceiro trimestre da faixa de média-alta intensidade, só não foi maior devido ao próprio mês de setembro, taxa de 1,2%. A indústria automotiva continuou liderando o desempenho não apenas nessas duas bases comparativas, mas também no acumulado do ano e em doze meses. Aliás, a faixa de média-alta apresentou o maior dinamismo dentre os quatro segmentos nos contrapontos de trimestre contra igual trimestre do ano anterior, no acumulado até setembro e em doze meses. A produção de máquinas e equipamentos mecânicos ou não especificados noutras atividades e a de material elétrico declinaram em setembro, expressando a retração em bens de capital, o que arrefeceu seus desempenhos nas demais bases de comparação e da faixa de média-alta como um todo. A indústria química logrou incremento em todas as bases comparativas, porém sem grande expressão.

A indústria de média-baixa cresceu 3,2% no terceiro trimestre ante igual trimestre do ano passado, mesmo com a estagnação de setembro. Tal incremento em julho-setembro puxou o crescimento de 2,3% no acumulado do ano e de 2,7% em doze meses. Tais comportamentos são em muito explicados pela fabricação de produtos de petróleo refinado, álcool e afins e pela produção de bens metálicos, inclusive siderúrgicos. Enquanto o primeiro sofreu queda de 4,6% em setembro, a produção de bens metálicos cresceu 7,3%. Nas demais bases comparativas, ambos cresceram.

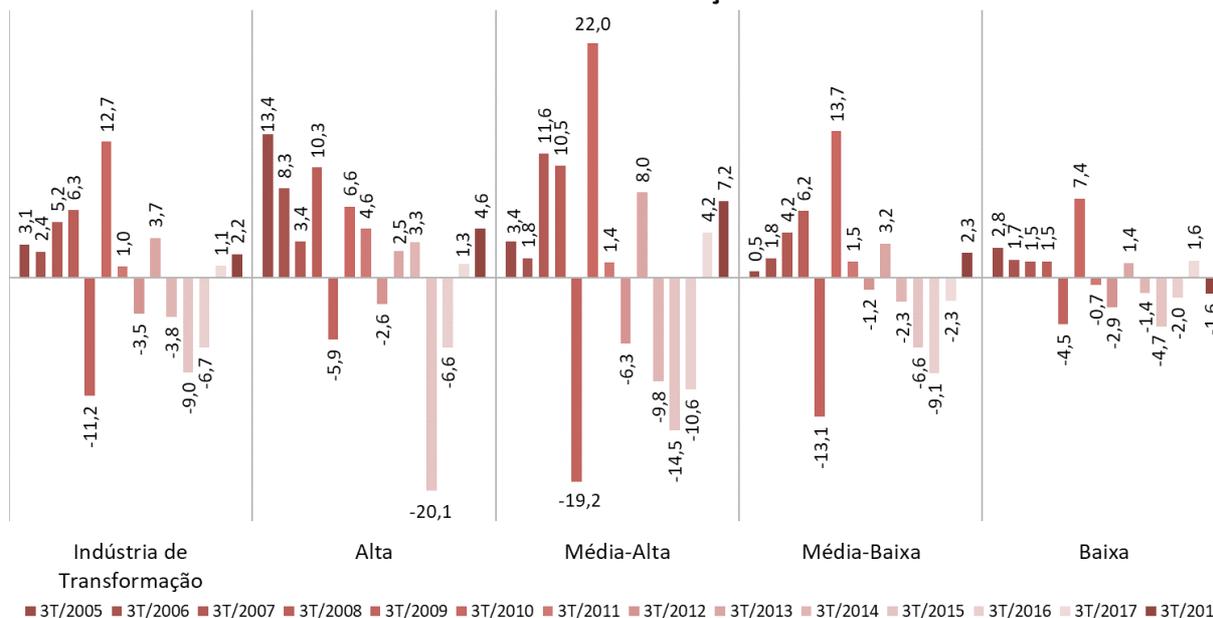
A retração sofrida pela faixa de baixa intensidade no terceiro trimestre do ano foi puxada pela queda de 7,0% em setembro. Com tais resultados, o segmento teve declínio de 1,6% no acumulado até setembro e de 0,4% em doze meses. O ramo de maior peso da indústria de transformação, fabricação de alimentos, bebidas e fumo, registrou recuo de 11,7% em setembro e de 6,8% em julho-setembro. A fabricação de produtos madeireiros industriais, papel, celulose e impressos foi o único dessa faixa a apresentar expansão em todas as quatro bases de comparação. Já a produção do ramo de têxteis, artigos de vestuário, de couro e calçados se retraiu em todas elas.

Produção da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica
Varição em Relação ao Mesmo Trimestre do Ano Anterior (%)



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

Produção da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica
Acumulado no Ano - Variação % Anual

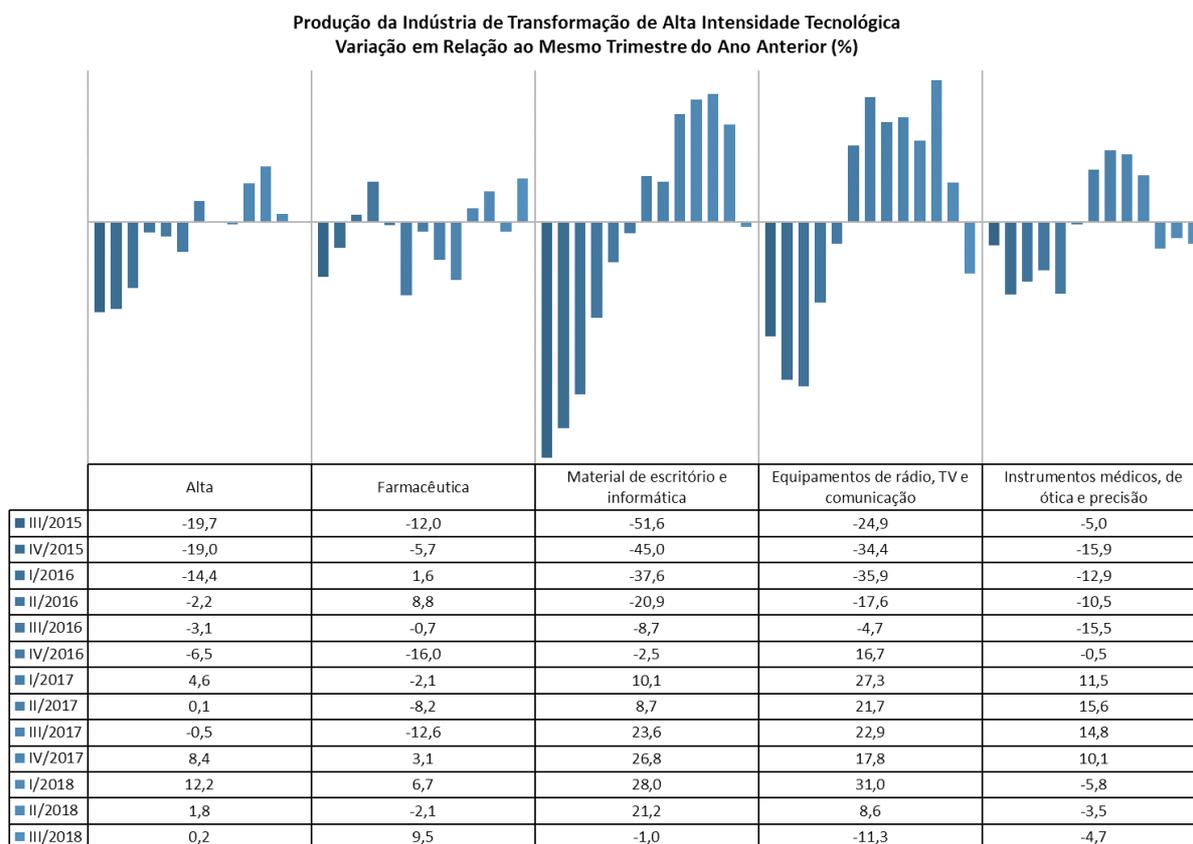


Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

Alta intensidade tecnológica

Em julho-setembro, comparando-se a igual período de 2017, a produção física da faixa de alta intensidade quase não variou, taxa de 0,2%. Essa estabilidade ocorreu mesmo com setembro registrando crescimento de 6,5% frente ao mesmo mês do ano passado. Apesar da estagnação no trimestre, a faixa cresceu 4,6% no acumulado do ano e 5,5% em doze meses.

A indústria farmacêutica, que dera sinais de recuperação no início do ano, mas sofreu retração em abril-junho, enfim, logrou expansão de monta: incremento de 9,5% no terceiro trimestre, aumento puxado pela alta de 22,9% na comparação entre meses de setembro. Assim, logrou produção 4,5% maior no acumulado até setembro vis-à-vis seu equivalente de 2017. Em doze meses, cresceu 4,2%.



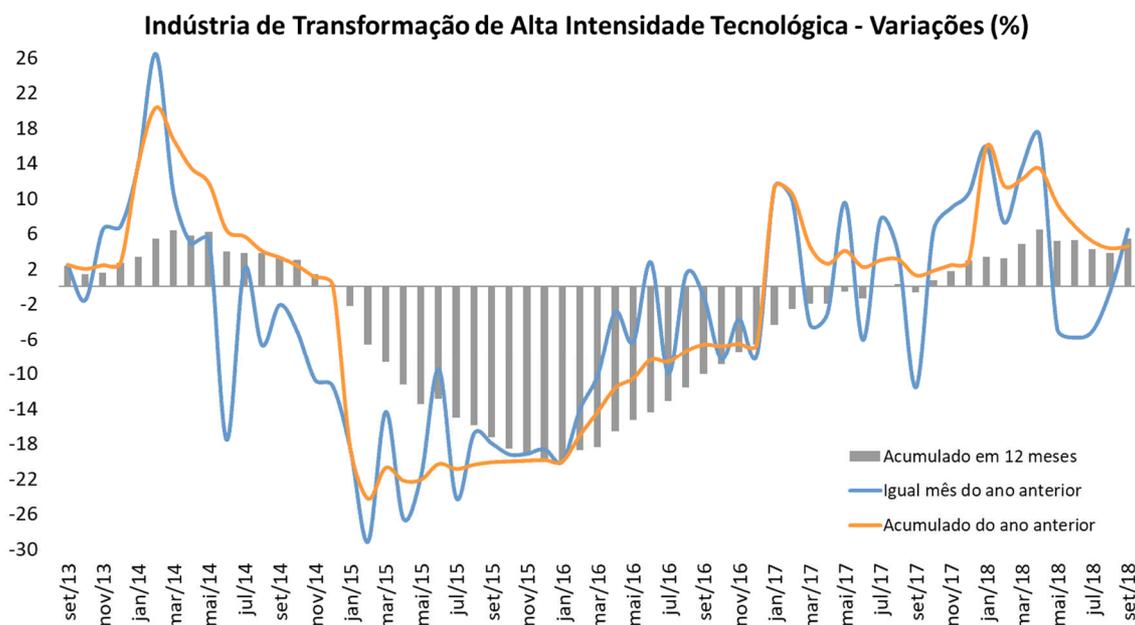
Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

Quanto ao complexo eletrônico, julho-setembro foi um trimestre ruim se confrontando com os dois trimestres iniciais do ano, sofrendo retração de 8,5%, com

setembro declinando 8,3%. Mesmo assim, ainda logrou incremento de 8,0% no acumulado do ano e de 10,5% em doze meses. A fabricação de material de escritório e informática foi o ramo do complexo que menos sofreu no trimestre, experimentando recuo de 1,0%, com setembro registrando variação de -0,2%. Apesar dessas taxas negativas, no acumulado do ano, sua produção cresceu 14,9%, enquanto a de doze meses, 17,8%.

O maior dos três ramos do complexo no País, a fabricação de equipamentos de rádio, TV e comunicação, que encampa também partes e componentes eletrônicos empregados não só nela, mas numa gama cada vez mais ampla de ramos econômicos, teve queda de 11,3% no terceiro trimestre, o pior resultado dentre os ramos para essa base comparativa. Em setembro, a produção caiu 10,8%. Tais desempenhos arrefeceram as taxas das comparações entre acumulados, mas que continuaram expressivas: em janeiro-setembro, o incremento foi de 8,1%, enquanto, em doze meses, de 10,4%.

Dentre do complexo eletrônico, a fabricação de equipamentos médico-hospitalares, instrumentos de precisão e material ótico sofreu queda nas quatro bases de comparação. No terceiro trimestre, o declínio foi de 4,7%, puxado pelo retrocesso de 7,5% em setembro. No acumulado do ano, a recuo também foi de 4,7%. Já, em doze, a variação foi de 1,4%.

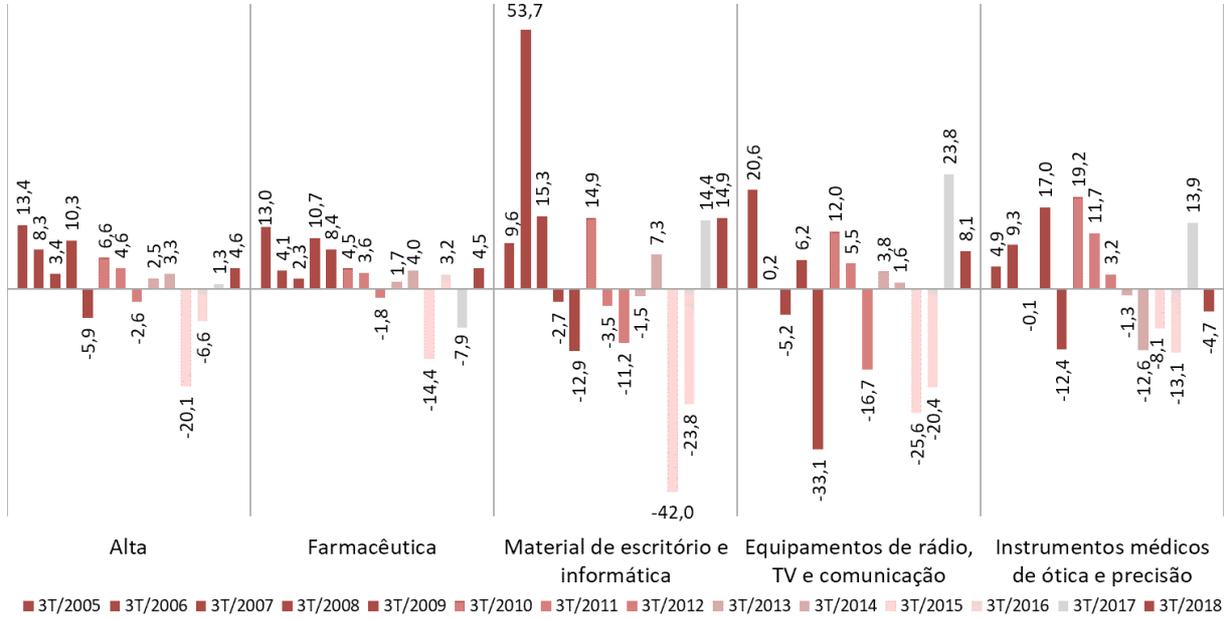


Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatabase.

Notas: i) Resultados preliminares, sujeitos a ajustes posteriores.

ii) A faixa de intensidade em questão também agrega a indústria aeronáutica, encampada em seu cômputo.

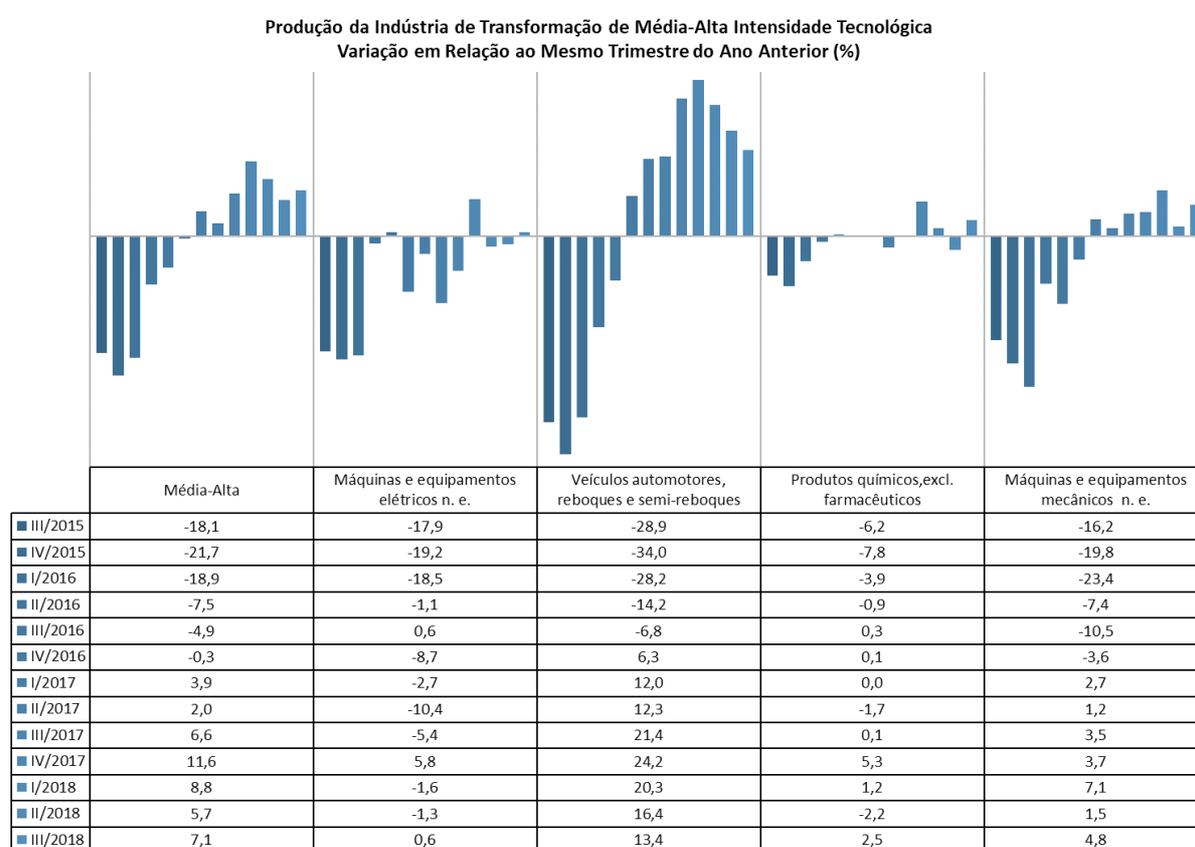
Produção da Indústria de Alta Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatbase.

Média-alta intensidade tecnológica

O segmento de média-alta intensidade tecnológica permaneceu como o mais dinâmico dos quatro, crescendo 7,1% no terceiro trimestre, com setembro apresentando incremento menor, de 1,2%. No acumulado até o nono mês, a faixa de média-alta cresceu 7,2%. Em doze meses, a expansão foi 8,2%. Os resultados mostram dinamismo, mas também sinais de arrefecimento, bem constatado nos demais segmentos por intensidade tecnológica.

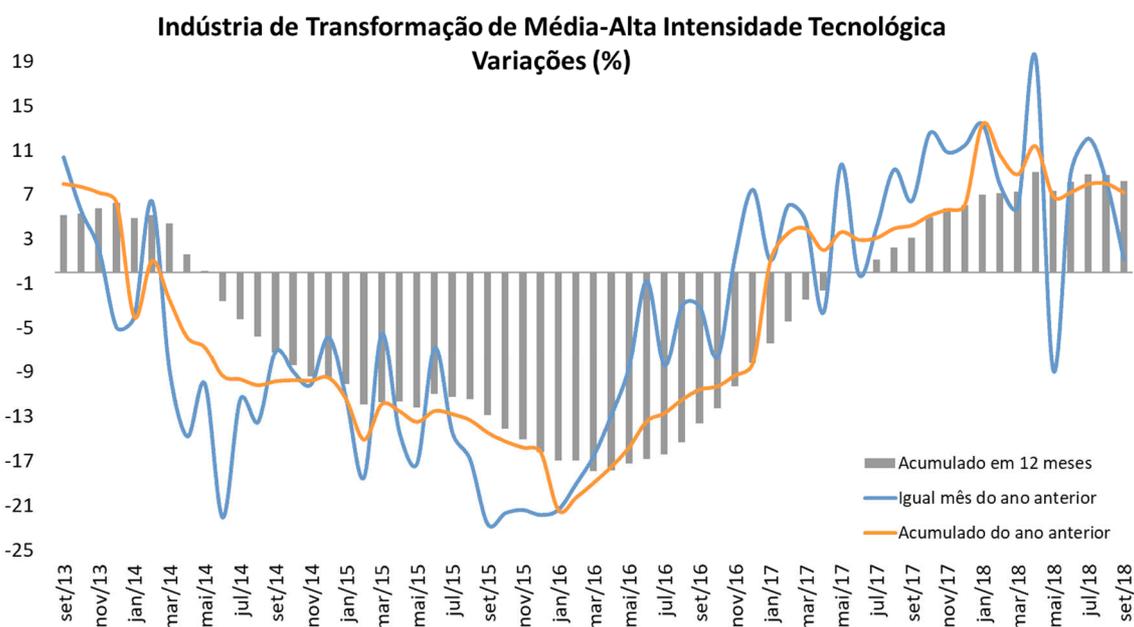


Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

A fabricação de veículos automotores continua liderando o desempenho não só dessa faixa, mas também da indústria como um todo. No terceiro trimestre, produziu 13,4% a mais do que no mesmo período de 2017, mesmo com setembro registrando performance menor, aumento de 3,9%. No acumulado do ano, a expansão foi de 16,5%. Já, em doze meses, chegou a 18,2%. A expressão das taxas decorre em parte do fato desse ramo ter sido um dos mais afetados pela crise. Ademais, já dá mostras de moderação.

A indústria química (com exceção da farmacêutica) também conseguiu taxas positivas nas quatro bases comparativas. Sua produção física cresceu 2,5% no contraponto entre terceiros trimestres, com setembro apresentando aumento de 1,3%. No acumulado do ano, a variação foi de 0,6%, enquanto, em doze meses, de 1,8%.

Os ramos mais associados à indústria de bens de capital – fabricação de máquinas e equipamentos elétricos; e fabricação de máquinas e equipamentos mecânicos e não especificados em outras atividades – tiveram em comum o declínio em setembro. A produção de equipamentos elétricos cresceu apenas 0,6% no terceiro trimestre, sendo que setembro teve queda de 1,5%. Apesar da taxa positiva em julho-setembro, no acumulado do ano, registrou queda de 0,8%. Em doze meses, conseguiu ainda apresentar incremento, de 0,8%. Quanto à fabricação de máquinas mecânicas ou não especificadas noutros ramos produziu 4,8% a mais em julho-setembro de 2018 frente a igual trimestre de 2017, apesar da queda de 3,6% em setembro. Desse modo, o terceiro trimestre contribuiu para a expansão de 4,5% no acumulado do ano e de 4,3% em doze meses.

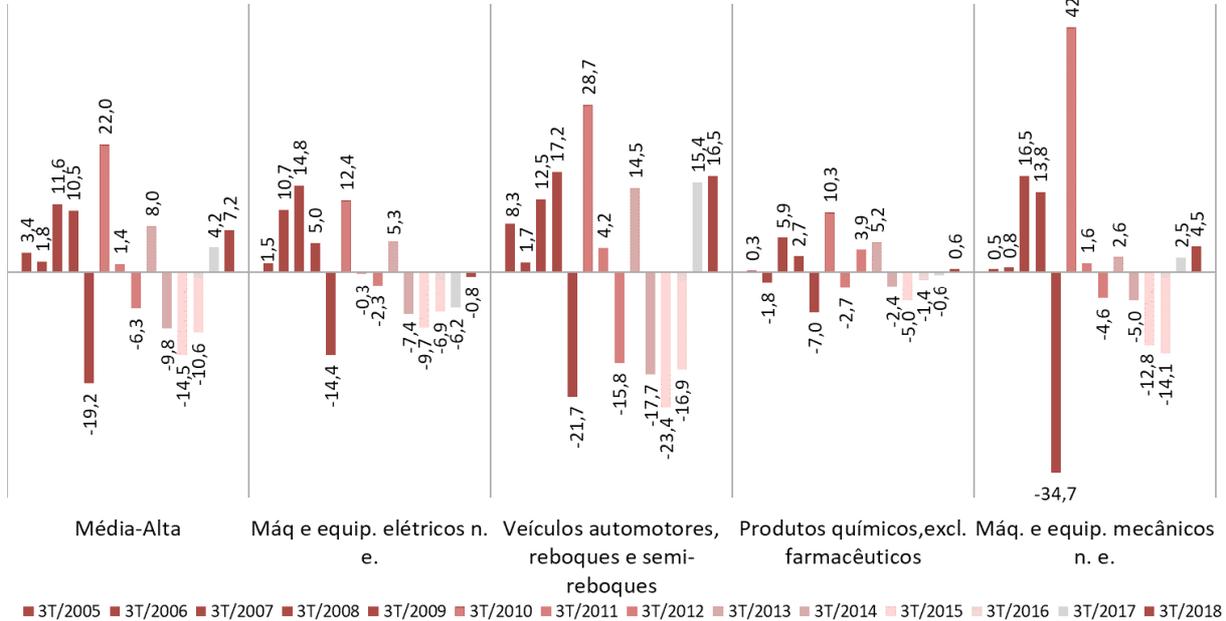


Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatabase.

Notas: i) Resultados preliminares, sujeitos a ajustes posteriores.

ii) A faixa de intensidade em questão também agrega a fabricação de equipamentos ferroviários e outros de transporte, encampada em seu cômputo.

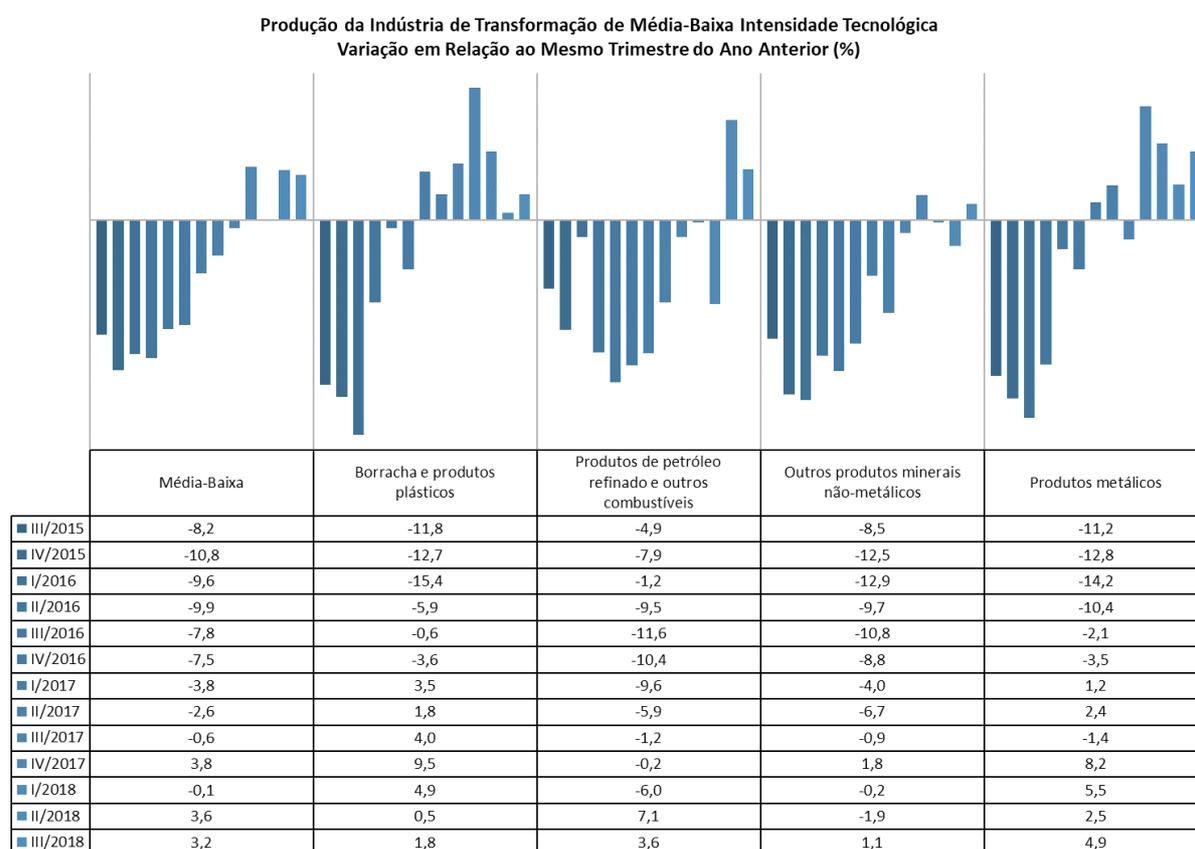
Produção da Indústria de Média-Alta Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatabase.

Média-baixa intensidade tecnológica

A produção física do segmento de média-baixa intensidade cresceu 3,2% no terceiro trimestre de 2018, mesmo com a produção física tendo estagnado em setembro. A expansão do terceiro quarto do ano contribuiu para os aumentos de 2,3% no acumulado do ano e de 2,7% em doze meses. A fabricação de produtos metálicos, que inclui a siderurgia, e a de derivados do refino de petróleo, álcool e afins são as atividades que têm ditado em larga medida o comportamento da produção física dessa faixa.



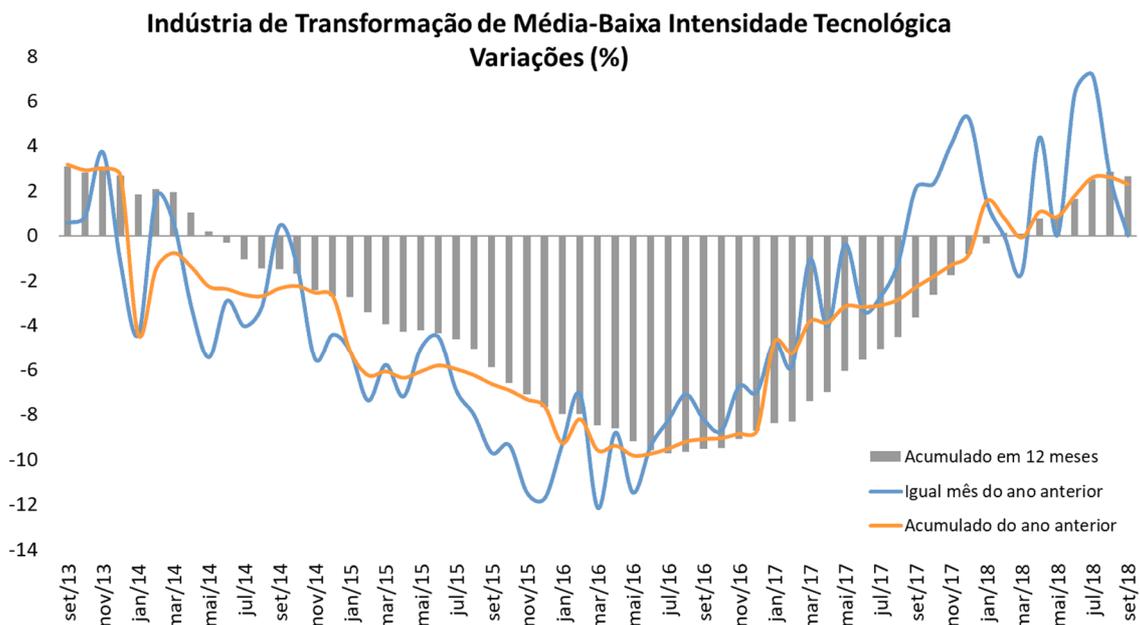
Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

A indústria de bens de petróleo refinado, álcool e outros combustíveis até contribuiu em para o crescimento em julho-setembro, alta de 3,6%. Essa contribuição poderia ter sido maior, dado que sua produção declinou 4,6% em setembro. Com o crescimento no terceiro trimestre, logrou expansão no acumulado do ano, de 1,9%, e, em doze meses, de 1,4%.

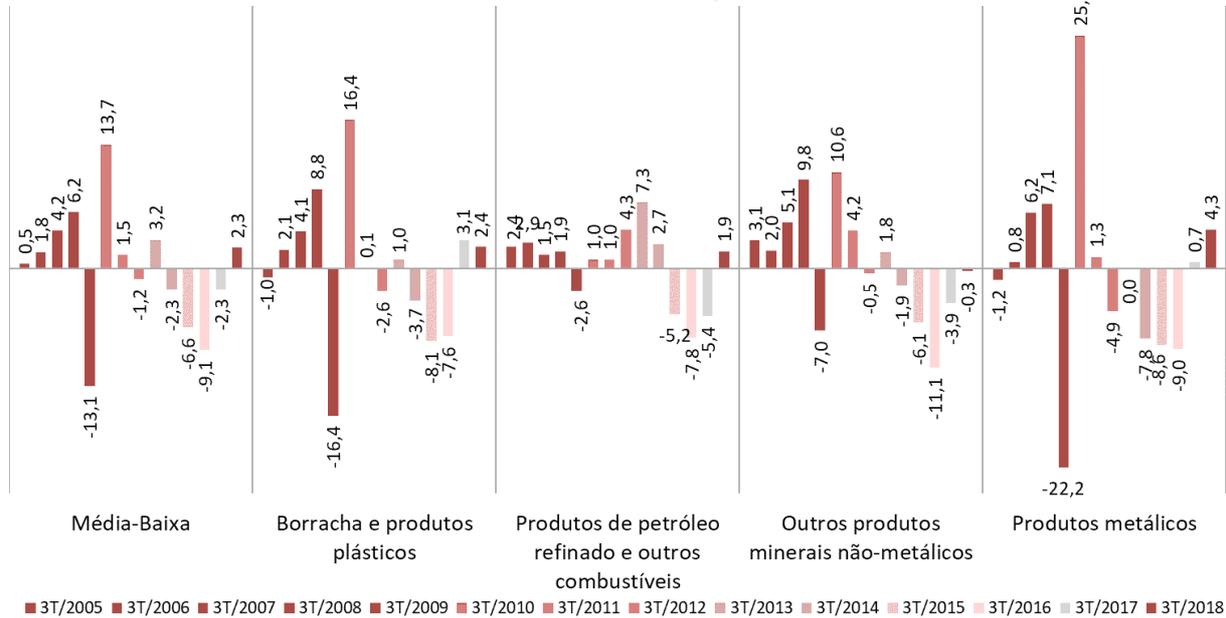
Quanto à fabricação de produtos metálicos, sua produção aumentou 4,9% no trimestre em pauta, com o mês de setembro puxando tal expansão, com taxa de 7,3%. No acumulado do ano, a expansão foi de 4,3%, sendo que, em doze meses, alcançou 5,2%.

A indústria de produtos de minerais não-metálicos também cresceu no julho-setembro, 1,1%, contando com a contribuição do mês de setembro, aumento de 1,3%. Esses resultados não foram o suficiente para que no acumulado do ano o ramo apresentasse expansão, variação de -0,3%. Em doze meses, porém, ainda conseguiu taxa positiva, 0,2%.

Quanto à fabricação de borracha e produtos plásticos, em julho-setembro, observou incremento de 1,8%, mesmo com a produção 1,0% menor de setembro. Dado principalmente o desempenho do primeiro trimestre, o acumulado do ano registrou aumento de 2,4%. Já, em doze meses, o crescimento atingiu 4,1%.



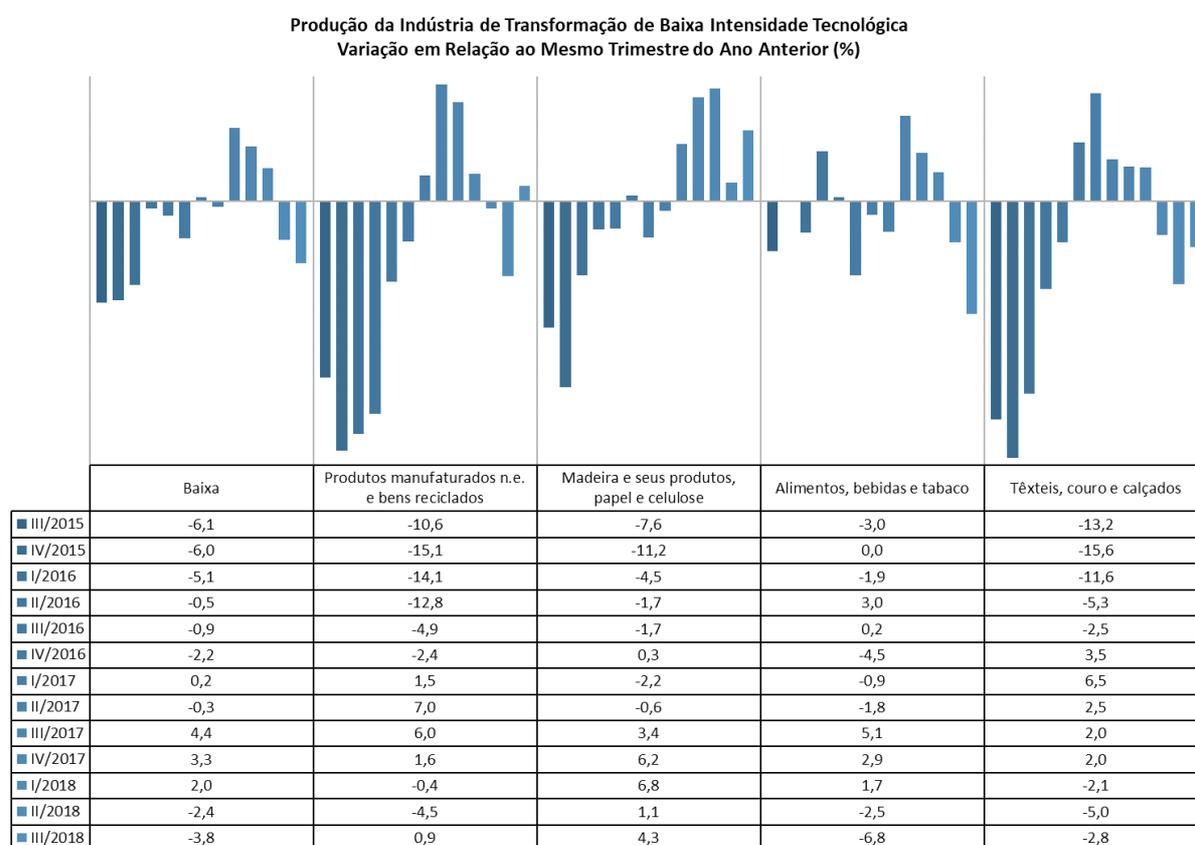
Produção da Indústria de Média-Baixa Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatbase.

Baixa intensidade tecnológica

A produção da indústria de baixa intensidade tecnológica declinou de 3,8% no confronto entre terceiros trimestres de 2018 e de 2017, com setembro puxando essa retração, variação de -7,0%. Dessa forma, o acumulado do ano registrou queda de 1,6%, por conta do próprio desempenho em julho-setembro. Assim, em doze meses, teve queda de 0,4%, lembrando que nos doze meses encerrados em junho, sua produção tinha crescido 2,0%.



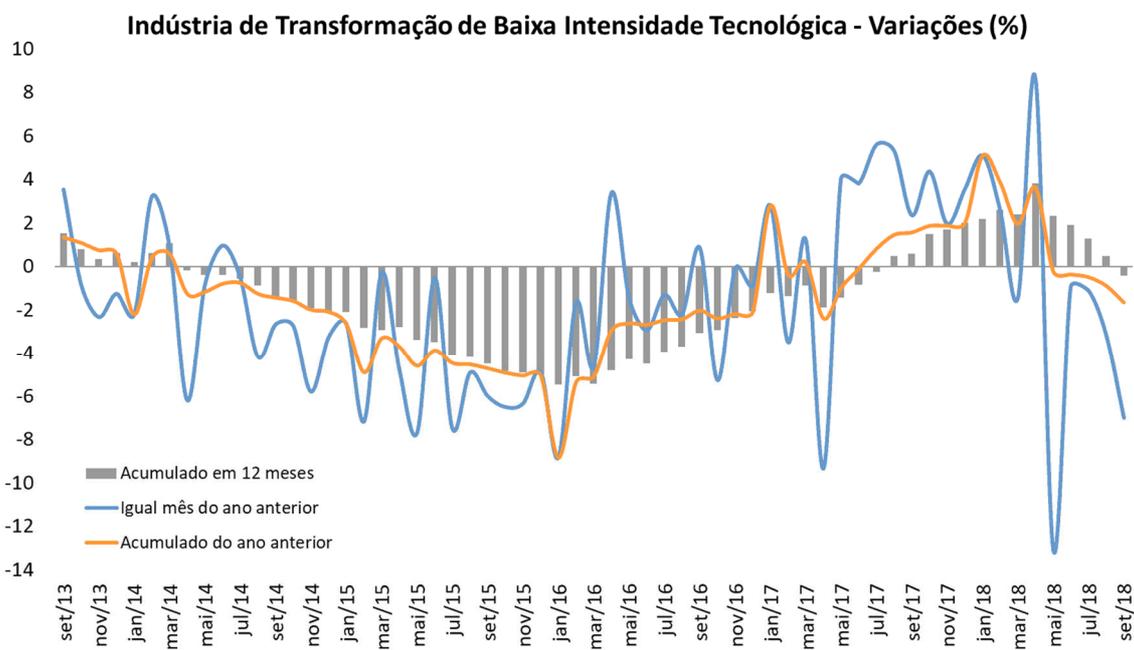
Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standabase.

O desempenho do ramo mais expressivo dessa faixa, o das indústrias de alimentos, bebidas e de fumo, explica em larga medida as retrações do segmento de baixa intensidade como um todo. Sua produção declinou 6,7% no terceiro quarto, sendo que setembro teve queda de 11,7%. Com tais recuos, o acumulado até o nono mês do ano se retraiu em 3,1%. Já em doze meses, o mais representativo dos ramos declinou 1,6%.

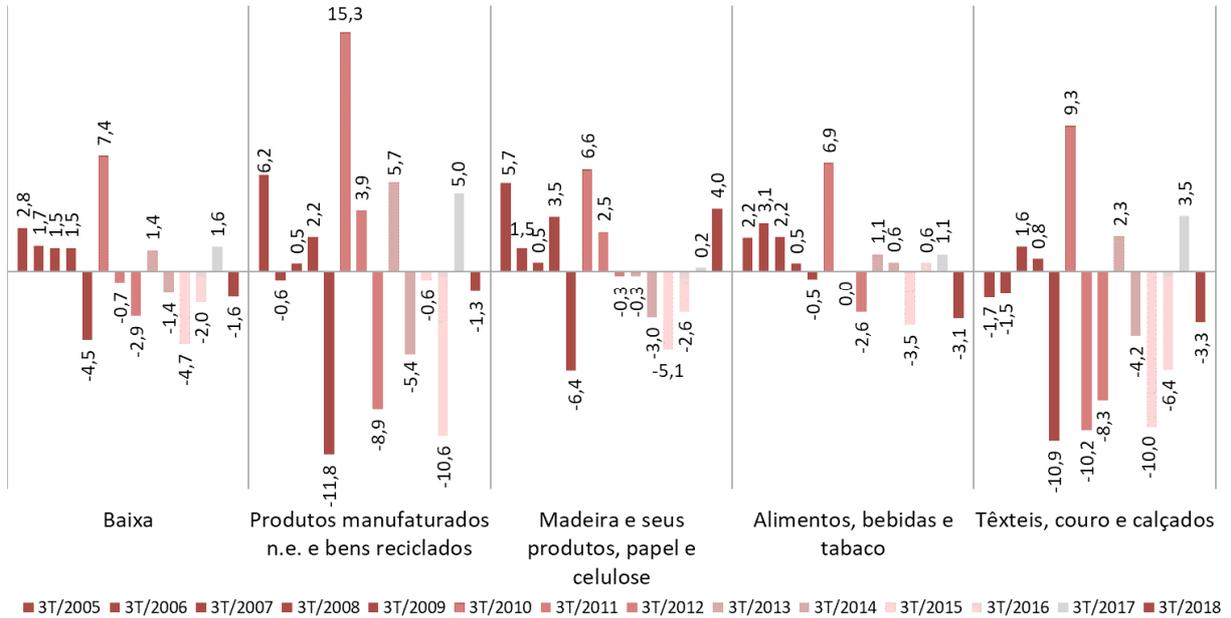
O principal destaque positivo na faixa de baixa intensidade continua sendo o conjunto das indústrias madeireira, de papel e celulose, gráficas e afins. Sua produção no terceiro trimestre cresceu 4,3%, com setembro apresentando acréscimo de 2,7% %. Dessa maneira, obteve expansão de 4,0% no acumulado até o nono mês e de 4,6% em doze meses.

Os outros dois ramos se caracterizam pelo uso mais intensivo da força de trabalho que os demais dessa faixa. As atividades de fabricação de manufaturados não especificados noutras indústrias e de produtos reciclados cresceram 0,9% em julho-setembro, com o mês de setembro contribuindo com aumento de 1,8%. Assim, o terceiro trimestre amenizou o desempenho ruim nas comparações entre acumulados, mas sem conseguir mudar o sinal: queda de 1,3% no acumulado do ano e de 0,6% em doze meses.

A produção física do conjunto das indústrias têxtil, de vestuário, calçados e artigos de couro diminuiu 2,8% em julho-setembro, com setembro respondendo por tal decréscimo, variação de -3,3%. No acumulado do ano, apresentou queda de 3,3%. Já, em doze meses, experimentou retração de 2,0%, sendo o pior desempenho dentre os ramos por essa base comparativa.



Produção da Indústria de Baixa Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/Standatabase.